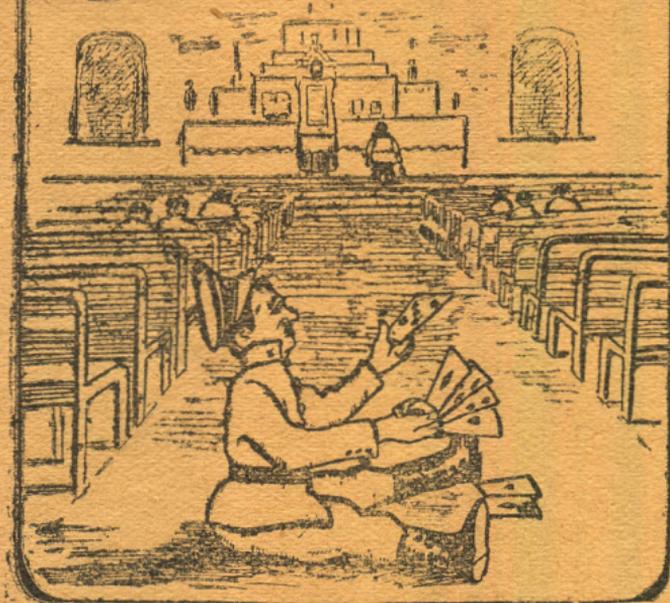


# O SOLDADO JOGADOR

15



DISCUSSÃO DE

## Zé do Brejo com Chico da Rua

A' venda na Agencia Geral no Estado do Pará  
*GUAJARINA de Francisco Lopes*  
Rua Manoel Barata 64, — Phone 1241

1927



# O Soldado

## Jogador



Era um soldado francez  
que se chamava Ricarte,  
jogador de profissão  
e nunca foi n'uma parte  
que no bolso não levasse  
o resultado da arte.

Os francezes nesse tempo  
tinham por obrigação  
o militar, o civil,  
seguir a religião...  
o papa fazia a lei  
botava em circulação.

Ricarte, soldado velho,  
com trinta annos de tarimba  
onde elle achava jogo  
de lasquinê ou marimba  
dizia logo : eu vou ver  
agua na minha cacimba.

Um dia faltou-lhe o soldo  
poz-se Ricarte a pensar  
onde podia haver jogo  
que elle podesse jogar,  
era domingo e a missa  
não tardava a começar.

Dinheiro não tinha um X,  
em credito elle nem falava,  
pois um soldado francez  
na taberna onde comprava  
só pegava no objecto  
depois que elle pagava.

Tóca a entrada da missa  
veiu o sargento chamal-o,  
Ricarte ainda pediu-lhe  
para elle dispensal-o,  
porem o sargento disse:  
—sou obrigado a mandal-o.

Ricarte foi para a missa  
com grande constrangimento,  
era obrigado a cumprir  
a lei do seu regimento  
mas não podia afastar  
o jogo do pensamento.

O soldado na igreja  
chegando se ajoelhou,  
trouxe no bolso da blusa

um baralho que tirou  
e endireitando as cartas  
uma patota formou.

Não viu que estava atraz delle  
um sargento ajoelhado  
que alli observou  
tudo quanto era passado  
e disse depois da missa  
—você esta preso, soldado !

Effectuando o prisão  
seguiram no mesmo instante,  
foi com o soldado preso  
á casa do commandante,  
dizendo ter commettido  
um crime muito agravante.

Prompto, sr. commandante,  
está aqui preso um soldado  
que foi ao templo ouvir missa  
estava lá ajoelhado  
encarmassando um baralho  
que traz no bolso guardado.

Perguntou lhe o commandante :  
— Quem deu-lhe esta criação ?  
Disse Ricarte : senhor !  
se ouvisse minha razão  
eu lhe diria o motivo  
que existe p'ra esta acção.

—Que motivo tem voce sabendo que é prohibido ! ignora que o jogo no exercito é abolido ? Disse o soldado : o meu jogo muda muito de sentido.

—Muda de sentido, como ? Disse Ricarte eu direi... Pois explique como é porque eu o ouvirei, depois da explicação o sólo ou castigarei...

Disse o soldado : primeiro é preciso confessar que ganho um soldo mesquinho e esse soldo não me dar para eu comprar um livro para na missa rezar.

Por isso compro um baralho e rezo nelle constante...

—Mas que reza ha em baralho ? perguntou-lhe o commandante.

—Ha tudo da escriptura velha, nova e assim por deante.

Então disse o commandante : voce vem errado a mim ... Disse o soldado : eu explico

do principio até o fim.

—Como é esta oração?

Disse o soldado—é assim :

Por exemplo, a carte «az»  
que tem um ponto sómente  
faz-me recordar que existe  
um só Deus omnipotente,  
quando chamamos por elle  
o encontramos presente.

Quando pego em um «dois»  
então premedito eu  
que em duas taboas de pedra  
o creador escreveu  
quando em salsas ardentes  
a Moysés appareceu.

Quando eu pego em um «trez»  
me recorda a divindade,  
por exemplo—as trez pessoas  
da Santissima Trindade  
que todos nós conhecemos  
o Espirito, o Filho e o Padre.

O «quatro» lembra-me as quatro  
Marias de Nazareth  
que foram Maria, Afra  
e Maria Salomé,  
Magdalena a Virgem pura  
esposa de São José.

O «cinco» me faz lembrar  
aquelle dia de fel,  
as cinco chagas de Christo  
feitas por mão tão cruel  
que matou cruxificado  
o filho de Deus de Israel.

Quando pego em «seis de ouro»  
faço premeditação,  
seis dias o Senhor gastou  
na obra da criação,  
formou tudo quanto existe  
sem em nada pôr a mão.

O «sete» lembra me a hora  
negra, triste, amargurada,  
os sete passos de Christo  
em sua paixão sagrada,  
com sete espadas de dores  
a mãe de Deus foi cravada.

No «oito» vejo as pessoas  
que do diluvio escaparam,  
Noé, a mulher, trez filhos  
e trez nóras se salvaram,  
o resto as aguas cobriram  
onde todos se afogaram.

Quando eu pego no «nove»  
me vem na imaginação  
os nove mezes dictosos

da divina encarnação  
que Jesus passou no ventre  
da Virgem da Conceição.

Quando eu pego em um «dez»  
não posso nunca esquecer  
dez mandamentos ficaram  
para o mundo se reger,  
os dez se encerram em dois  
como todo mundo ver.

Quando eu pego em um «rei»  
me lembro do rei da Gloria,  
o ente mais poderoso  
que já vimos na historia,  
que não precisa soldados  
para alcançar a victoria.

Quando eu pego n'uma «sóta»  
me vem á lembrança aquella  
que todo Jerusalem  
enriqueceu só com ella,  
aquella que deu á luz  
ficando a mesma donzella.

Eis ahi, meu commandante  
as razões de seu soldado,  
não posso comprar um livro  
meu soldo é muito mirrado,  
compro um baralho onde rezo  
porque só custa um cruzado.

Então disse o commandante :  
em todas cartas falastes  
te esqueceste do «valéte»  
foi porque não te lembrastes?  
não é também uma carta  
porque não representastes ?

Disse o soldado : essa carta  
é uma carta ruim,  
eu quando compro baralho  
tiro ella e dou-lhe fim,  
tem traços deste sargento  
que denunciou de mim...

Disse o commandante a elle :  
—Ricarte tú és passado...  
tens vinte annos de praça  
foi tempo bem empregado,  
vou te passar a sargento  
e dou-te soldo dobrado.

FIM



SAO NOSSOS AGENTES

—Em Manaus :

Antonio T. Miranda — Livraria  
do Mercado, rua dos Barés,  
Simão F. Marques — Livraria do  
Povo, rua Marquez Sta. Cruz.

DISCUSSÃO  
DE  
ZÉ DO BREJO  
—,COM—  
CHICO DA RUA



ZÉ DO BREJO  
Pirarucú tanto venha  
CHICO DA RUA  
Não como pirarucú.

Dois glosadores falavam  
sobre a grande carestia,  
o bacalhau não havia,  
os vapores não chegavam,  
preceitos não se guardavam  
estava o tempo frio e crú,  
o povo com fome e nú,  
disse o outro: o tempo é mau  
mas em vez de bacalhau  
nós temos pirarucú.

Chico—Prefiro morrer damnado  
prégo os dentes na parede  
como uma cobra verde  
um rato inda estando inchado,  
mais aquelle desgraçado  
baboso que só mussú?

não tem que ver cururú  
inda que um santo me dê  
eu digo — como isto o que!  
não como pirarucú.

Zé—Ora deixe, seu collega,  
isso é só opinião,  
porque bemdiz o rifão  
o que vem na rede é peixe,  
largue a scisma não se veixe  
esse cuidado não tenha  
disse um matuto da brenha  
agora não o deixava  
e diz mesmo tendo fava  
pirarucú tanto venha.

Chico-Passo trez dias com fome  
mendigando pela rua,  
como um cão ladrando á lua,  
que a quatro dias não come  
prefiro negar meu nome  
dizer—me chamo urubú,  
sou filho de um tapurú,  
neto de caranguejeira  
móro n'uma bagaceira,  
não como pirarucú.

Zé—Despreso Perú assado  
não dou valor a um leitão  
não acho graça em capão  
e deixo qualquer guizado

por muito bem preparado  
e temperos que elle tenha,  
desde a capital á brenha,  
procure tudo que há  
que nada me agradará  
pirarucú tanto venha.

C—Na catastrophe mais medonha  
no suplicio mais horrendo,  
ainda algum me prendendo  
em Fernando de Noronho,  
passo por uma vergonha,  
ando pela praça nú,  
bebo um caldo de urubú,  
como um cachorro sem sal  
com tudo isto afinal  
não como pirarucú.

Zé—Disse um frade no sermão:  
«meus filhos abençoados,  
eu peço aos fiés amados  
quem quizer ser meu irmão  
não estire a sua mão  
para a venda que não tenha  
esse peixe que se empenha  
por nossa sub-existencia  
eu como por excellencia  
pirarucú tanto venha.»

C—Inda eu estando derrotado  
com fome horrenda e tyrana

Zé-E'um peixe saboroso  
tendo maxixe e quiabo  
um pedaço de seu rabo  
faz um almoço gostoso,  
um pirão muito oleoso  
cosinha com pouca lenha,  
eu morava em Jurumenha  
ouvi dizer pelo clero  
outro peixe aqui não quero,  
pirarucú tanto venha.

Chico então logo disse  
que tem esse pobre peixe ?  
eu acho bom que se o deixe  
isso é uma pura tolice  
agora se ninguem visse  
esse peixe no sertão  
quem confessa ser christão  
diz que um homem legal  
vê logo que não faz mal  
pirarucú com feijão.

Um poeta velho viu  
um poeta atropellado  
o outro estava damnado  
como uma féra partiu,  
o poeta velho acudiu  
com destino forte e crú  
como uma abelha de enxú  
vae de encontro ao caçador

como casca de banana  
n'uma feira ou n'um mercado,  
como um aruá assado  
afervento um cururú  
prefiro um camello crú  
conforme a necessidade,  
mas ainda contra a vontade  
não como pirarucú.

Zé—Não gosto de pedantismo  
e nunca escolho comida,  
tudo que sustenta a vida  
satisfaz o organismo,  
censuro até o cynismo  
por muito sagaz que venha,  
disse-me um frade da Penha  
n'uma taberna bebendo :  
minha mãe morreu dizendo  
pirarucú tanto venha...

C-Prefiro uma excommunhão  
do padre do Joazeiro  
porém ao mundo inteiro  
isto foi sem precisão,  
não foi tão má minha acção  
para um castigo tão crú  
Deus do céu me dirá: tú  
sustente e conte commigo  
posso cahir no perigo  
não como pirarucú.

disse a Zé: por seu favor  
não gabe pirarucú.

C-Que tem que morra de fome?  
fiquei dormindo no matto,  
como pulgo e carrapato  
mais pirarucú não como,  
sua lembrança se some  
onde não vae urubú  
nem cobra surucucú  
não fica tão assanhada  
minha mãe era casada  
não come pirarucú.

Zé disse: eu já notei  
e diversos me tem dito  
você é muito exquisito  
é eu sempre o detestei,  
inda ha pouco conversei  
com alguém do Pageú,  
disse um rapaz do Perú  
chegado agora do norte  
que até na hora da morte  
se come pirarucú.

Chico—Você é muito atrasado  
não parece ser da roda,  
pirarucú está na moda  
como o bigode raspado,  
é um peixe desgraçado  
babento que só mussú

cusido parece crú  
assado fêde a cumôa  
não tem prazer a pessôa  
que come pirarucú.

Zé—Seu avô nasceu no mato  
emquanto viveu cansou  
e elle nunca engeitou  
lagartixa, cobra e rato,  
raposa, furão e gato,  
camaleão, tejuassú,  
maritacaca, timbú,  
sapo, rã, caçote e gia,  
morreu n'uma pescaria  
atraz de pirarucú.

Chico—Por uma dessas assim  
eu hoje não gosto d'elle  
porque se não fosse elle  
meu avô não tinha fim,  
que falta fez elle a mim!  
passei fome e andei nú  
comendo bacalhau crú  
sem alguém dar-me um abrigo  
por isto é meu inimigo  
quem come pirarucú.

Zé—Tenho engeitado sardinha  
deixei xixarro e salmão  
com vinho Alcobaça e pão  
ensopado de estrellinha,

bôa canja de gallinha,  
bello papo de perú,  
frigideira de pitú,  
escabeche de cavalla,  
nenhum desses me regala  
igual a pirarucú.

F I M



MANDE SEUS PEDIDOS  
PARA A

*GUAJARINA*

Agencia Geral de todas as obras  
da Literatura Sertaneja e  
Editora de Modinhas

Manoel Barata, 64—Phone, 1241

PARÁ-BÉLEM

# LITERATURA SERTANEJA



Desafios, Narrações, Contos,  
Aventuras, Factos, P'elejas,  
Romancetes, Novellas etc.

Para distrahir, lêde as historias em versos  
de que a nossa casa é a unica  
Agencia nesta Capital

em folhetos a preços populares



**Enviamos catalogos gratis**

ATTENDEMOS OS PEDIDOS COM A MAXIMA BREVIDADE  
E REMETTEMOS PELO CORREIO, DESDE QUE  
VENHAM ACOMPANHADOS DAS  
RESPECTIVAS IMPORTANCIAS



*Guajarina*

CASA EDITORA  
— DE —

*Francisco Lopes*

UNICO EDITOR DE MODINHAS NO NORTE DO BRASIL



*Executa-se com a maior brevidade e a preços  
modicos qualquer trabalho de*

Typographia, Stereotypia Zincographia,  
Encadernação etc.

**Lindas collecções de Postaes**

**Rua Manoel Barata, 64**

**Telephone 1241**

BELEM

PARA'

BRASIL



## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).